

NA LUTA QUE A GENTE SE ENCONTRA:

Narrativas pedagógicas de (re)existências de professoras negras ativistas

Joana Maria Leôncio Núñez – UNEB – jmmleoncio@hotmail.com

Jane Adriana V. P. Rios – UNEB - jhanrios1@yahoo.com.br

RESUMO

Este estudo visa compreender como professoras negras, atravessadas por violências estruturais, criam formas de enfrentamentos político-pedagógicos, no combate às desigualdades produzidas pelo racismo patriarcal, colonial e epistêmico em suas atuações na Educação Básica. Para compreender este processo, fizemos opção pelas Epistemologias do Feminismo Negro e Decolonial, pois tal abordagem fornece as chaves interpretativas para analisar as experiências dessas mulheres como protagonistas de sua própria história e das formas coletivas de resistência político-pedagógicas construídas na relação com o trabalho docente. Adotamos como abordagem metodológica a Pesquisa Narrativa desenvolvida através do que chamamos de “xirê pedagógico” (rodas de conversa) e de produção de textos narrativos sobre suas experiências político-pedagógicas. Os resultados indicam que histórias de vida-profissão destas professoras nascem de lugares de pertencimento, congruência e reciprocidade e indicam que a escrita negra constrói narrativas pedagógicas de (re)existências (entre)tecidas e (en)redadas pelo lugar de fala do feminismo negro decolonial nas dimensões do corpo, raça, gênero, classe, educação, território, profissão etc. A escrita narrativa destas professoras apresenta uma dimensão política/profissional e retomam o reconhecimento da alteridade, pertencimento racial, elevação da autoestima e protagonismo docente com experiências potentes e baseadas em epistemes que valorizam pedagogias partilhadas que falam a partir de um coletivo.

Palavras-chave: Pedagogias de Resistência. Feminismo Negro Decolonial. Pesquisa Narrativa.

Introdução

Esta pesquisa nasce imbricada nas experiências das autoras, professoras e pesquisadoras da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) a partir do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Nos interessa conhecer as epistemes pedagógicas das professoras negras ativistas, em como criam práticas político- pedagógicas cotidianas em modos de ser, modos de conhecer, modos de ensinar e se posicionar como professoras da Educação Básica.

A proposta metodológica baseou-se na abordagem qualitativa da pesquisa narrativa que compreende os modos de constituição das sujeitas como seres sociais e

singulares construyendo saberes pessoais e profissionais. Nesse processo, foram produzidas narrativas pedagógicas de (re)existências no entendimento de que as histórias de vida das mulheres negras relatam a memória histórica, social e cultural no/do contexto pedagógico, com pertencimento a uma história, um lugar, uma comunidade, uma cultura, uma militância, uma ancestralidade que se constituem em outras formas de habitar a docência. As histórias de vida dessas professoras ganham sentido em suas narrativas de (re)existências e contam, antes de tudo, dos movimentos de luta ativista em suas histórias de vida e docência.

Nos inspiramos nas pedagogias decoloniais com Catherine Walsh e outras autoras latino-americanas para refletir sobre os modos de produzir educação popular dos movimentos sociais. A Pedagogia do Oprimido (Paulo Freire, 1987) que atrela a libertação dos esfarrapados do mundo à luta política e ao esforço do próprio oprimido em conquistar sua emancipação foi importante como forma pedagógica de ler o mundo voltada para as lutas sociais, políticas, ontológicas de base epistêmico-metodológica que carrega potencialidades para impulsionar formas de (re)existências as quais resultam da cultura local e de seus interesses. Com as feministas negras norte americanas, refletimos sobre as vocações, ocupações, profissões, experiências, contradições em relação a lugares de poder que são próprios dos movimentos de mulheres negras. Acreditamos que as pedagogias de (re)existência exigem novo modo de interagir e estar no mundo, pois propõem a valorização dos saberes locais, em novas relações de poder a partir das lutas sociais, políticas, ontológicas e epistêmicas com a potencialidade decolonial.

Estas pedagogias impulsionam novas formas de (re)existências e resultam da cultura local e seus interesses. A reação decolonial se junta ao feminismo negro para mudar os rumos da colonialidade liderando povos e comunidades racializadas e esfarrapados do mundo (Freire, 1987) dialogando com saberes ancestrais das comunidades tradicionais indígenas, das religiões de matriz africana, dos movimentos de mulheres negras, movimentos antirracistas, movimentos sem-terra, movimentos eclesiais de base, entre outros movimentos sociais. As pedagogias de (re)existência, assim como a Pedagogia do Oprimido, conclama os oprimidos, os que sofrem a se descobrirem na luta contra a colonização com o propósito de desmascarar, de maneira “pedagógica”, o vírus que se desdobra em múltiplas colonialidades (do saber, do ser, da política e de gênero) (Walsh, 2014).

Desta forma, pedagogias de (re)existência constituem-se em modos de ensinar, aprender, vivenciar, existir, (re)existir gerados na luta, insurgência e disputa de poder para

questionarem, de maneira radical e contínua, a racialização, subalternização, inferiorização, o patriarcado e outras estruturas de poder que historicamente, invisibilizam as populações racializadas e subalternizadas. Nos propomos a conhecer as narrativas contra hegemônicas de professoras negras ativistas autoras-colaboradoras desta pesquisa que fazem parte de movimentos antirracistas, antissexistas, antilgbtfóbicos etc. e atuam na educação básica, utilizando como chave de análise o feminismo negro decolonial e as pedagogias de (re)existência.

As feministas negras decoloniais propõem co-investigação e teorização, como parte de processos comunitários realizados por intelectuais orgânicas das universidades, comunidades e organizações de ativistas comprometidas com a luta, ação e formação política, de modo a combater a invisibilidade forçada e/ou a universalização que ocorre com o crescimento de investigações sobre os modos de vida de mulheres negras, trabalhadoras comunitárias, líderes religiosas, professoras etc. São epistemes políticas, ontológicas que carregam a potencialidade decolonial e impulsionam formas de (re)existências que fortalecem a coletividade.

Trilhas metodológicas

Para compreender as epistemes pedagógicas das professoras negras ativistas inseridas em movimentos sociais e descobrir como se posicionam diante das opressões de raça, gênero e classe, entre outras, que tem lugar na escola, vamos trazer excertos de seus textos narrativos e voltar o nosso olhar para compreender as práticas pedagógicas que habitam a educação básica e estão alinhadas na luta apresentado práxis, estratégias de intervenção e leitura em um mundo atravessado por violências estruturais de raça, gênero, desigualdades sociais e sexuais. Na condição de protagonista, o movimento de mulheres negras oferece suas experiências para construir coletivamente outra dinâmica de vida e ação política, que só é possível por meio da superação do racismo, do sexismo e de todas as formas de discriminação, responsáveis pela negação da humanidade do povo racializado. Mulheres negras ativistas, seja qual for sua origem e classe, enfrentam, cotidianamente, um conjunto de marcadores sociais atravessados por matrizes multifacetadas de opressão, como normas, valores, ideologias, discursos, assim como estruturas sociais que disseminam a permanência do racismo e do sexismo como alicerce do capitalismo. Sua luta é pelo direito à sobrevivência de seus grupos comunitários, organizações profissionais, sindicais, grupos religiosos de matriz africana, comunidades e

irmandades religiosas com o objetivo de derrubar as barreiras e estruturas opressoras na busca pela sobrevivência de seus coletivos.

É deste lugar político, social e profissional, e embasadas em uma concepção mais ampla de educação como forma de (re)existência na relação com os movimentos sociais bem como nos Grupos de Pesquisas da UNEB, que nos posicionamos nesta pesquisa. Compreendemos os espaços educacionais como espaços de educação popular, de resistência e aprendizagem para todas que passam por eles e é justamente neste espaço de ativismo que ocorre a virada decolonial, o descentramento da educação em aprendizados que são realizados em situações que escapam ao mundo da escola, da aprendizagem formal e da produção de conhecimentos no diálogo e nos espaços de luta onde florescem pedagogias de (re)existências que habitam processos colaborativos e solidários de “outras” esperanças, horizontes e projetos forjados nas práticas decoloniais e na ação educativa, cultural, política no entendimento da educação em uma perspectiva de rede.

A pesquisa narrativa, opção escolhida, foi uma decisão política, epistemológica e metodológica com bases e alicerces na pesquisa como construção de conhecimento horizontal e coletivo (auto)formativo e compreensivo de (em)redamento das identidades, concepções de mundo buscando compreender as experiências de vida-formação-profissão singulares e coletivas que atravessam corpos, histórias de vida e luta das mulheres negras. Esta abordagem possibilita observar a tensão entre narrativas dominantes que podem invisibilizar histórias das que estão nas bordas do mundo e as contra-narrativas que assumem o compromisso político das (re)existências pedagógicas.

A pesquisa narrativa implica na construção de conhecimentos horizontais e coformativos, isto é, sem hierarquias de poder entre as participantes da pesquisa através de conhecimentos criados e compartilhados em situações que estimulam formação de saberes construídos coletivamente. Esse tipo de pesquisa tem o compromisso de compreender as histórias de vida e luta de mulheres negras marcadas por atravessamentos de vida-docência-formação. Propomos amplificar e divulgar a agência de grupos que historicamente sofreram com a subalternização, invisibilização e apagamento, como é o caso das professoras negras ativistas da Educação Básica que por muito tempo foram silenciadas. Assumimos o compromisso de conhecer e compreender seus escritos e memórias através das lentes do feminismo negro decolonial com um sentido de (re)existência e ativismo em suas experiências pedagógicas.

Rios (2021) apresenta a pesquisa narrativa como construção de modos de

viver e de se posicionar perante o mundo em uma ação de (re)existência que tem como ponto de partida vivências e experiências de contextos políticos diversos nas práticas educativas. “A narrativa articula a experiência individual com a história cultural da humanidade” (Rios, 2021, p. 185) como forma de partilhar o mundo vivido concomitantemente como ação narrada e entendida de forma individual e única, mas também de forma coletiva e produzida entre pares.

A escola sob o ponto de vista desta pesquisa é um território cheio de significados e sentidos onde se misturam contradições, diferenças, experiências. É um espaço complexo onde se partilha histórias de vida, sonhos, diálogos, crenças, interações sociais, projetos de vida, utopias, concepções de mundo e sociedade. Nessa concepção de escola, a educação não se resume a grades curriculares e políticas educacionais, aí, entre outras protagonistas, professoras cotidianamente vivenciam experiências de ensino e aprendizagem em diálogo consigo próprias, com seus pares e com a comunidade.

É possível observar multiplicidades e formas subjetivas das práticas pedagógicas que (re)criam, (en)redam, (re)significam, dão sentido ao vivido e experienciado. Narrar é (re)introduzir a seta do tempo entre espaços, sentidos, vivências, acontecimentos e personagens com os quais aprendemos a cada dia, sabendo que a vida não se resume apenas à aplicação daquilo que já foi aprendido (Oliveira & Geraldi, 2010). Cada narrativa protagoniza uma experiência vivenciada por pessoas com diferentes identidades políticas, culturais e sociais, e aponta para uma coletividade, característica principal e inacabada do processo de educar sob o ponto de vista da pesquisa narrativa.

Ouvir e ler narrativas de professoras, estar com elas, permite a compreensão desse processo em diferentes espaços-tempos da escola. A sala de aula pode ser uma teia de conflitos, mas também pode ser uma comunidade de aprendizados e de cura onde todas aprendem, ensinam, vivenciam, convivem, fazem acolhimento, são acolhidas, são ouvidas, tem voz, ensinam e multiplicam aprendizagens. Nessa concepção, a escola assume a potencialidade do espaço da virada pedagógica decolonial, território onde flores e frutos penetram pelas frestas e muros da colonialidade e possibilitam esperar educação (Walsh, 2014).

Para conhecer e compreender as pedagogias de (re)existências das professoras-narradoras, utilizamos Xirês pedagógicos. Xirê pedagógico foi um dispositivo criado por nós, inspirado no trabalho de Silvandira Arcanja Franco, (2007),

no qual a autora explica a comunhão e a aprendizagem que o xirê representa nas festas nos terreiros como um ato sagrado. Em forma de encontros dialógicos, rodas de conversas de inspiração etnográfica, professoras produziram textos escritos como parte da socialização humana desde tempos ancestrais que serviam ao propósito de facilitar o convívio, as trocas e o diálogo nas comunidades tradicionais em África e nas Américas. Este foi um dispositivo importante para comunicação, aproximação, planejamento, diálogo, estímulo a participação das professoras para compartilhamento de práxis, vivências e experiências pedagógicas cotidianas.

O dispositivo metodológico das ‘narrativas pedagógicas de (re)existências’ inspirou-se nas “*escrevivências*” de Conceição Evaristo que explica que *escreviver*, é a junção de escrever com-viver. Escrevivência é um ato de insubordinação (Evaristo, 2007, p. 20) no entendimento de que as histórias de vida das mulheres negras relatam a memória histórica, social e cultural do contexto pedagógico, constroem e reconstroem a consciência de pertença a uma história, um lugar, uma comunidade, uma cultura, uma militância, uma ancestralidade. As histórias de vida das professoras ganham sentido em seus relatos de experiências que falam, antes de tudo, do vivido.

As narrativas pedagógicas de (re)existência incorporam relatos e histórias de vida de trajetórias profissionais no processo de reconstrução da memória escolar, o que indica protagonismo do relato da experiência e facilita a reflexão sobre desenvolvimento profissional no decorrer da intriga narrativa que articula e dá sentido pedagógico ao narrado. Na dimensão da narrativa pedagógica de (re)existência, alguns elementos da DNEP foram importantes influências de como comentar o texto da outra pessoa, rever e aprofundar-se na sua própria experiência, tendo em vista o princípio da horizontalidade, ou seja, sem hierarquia entre pesquisadora/detentora de conhecimento, pesquisadas/sujeitas do conhecimento. O conhecimento e os sentidos desenvolvidos entre professoras autoras-colaboradoras da tese e a pesquisadora foram resultantes de processos, experiências, significações, situações singulares e coletivas que deram visibilidade aos saberes construídos e compartilhados a cada xirê pedagógico no processo de formação coletiva. Foi igualmente assumido o princípio da conformação, isto é, formação entre pares, no qual “[...] as artesanias da prática representam e visibilizam pedagogias outras que atravessam o cotidiano da escola. Pedagogias insurgentes que se inscrevem em coletivos de lutas, em coletivos comunitários, coletivos de vida que integram à escola, na relação experiência-sentido”. (RIOS, 2020, p. 22).

As análises das narrativas pedagógicas de (re)existências seguiram a perspectiva colaborativa, dialógica e fenomenológica, no decorrer das operações metodológicas com o aporte do feminismo negro. Comprendemos que dentro do sistema político, econômico e social que vivemos, interseccionado por hierarquias racistas, sexistas e preconceituosas é preciso trilhar o caminho inverso e insurgente de resistência e insubordinação àqueles que querem nos controlar. Narrar, ler e ouvir as experiências e relatos de vida-profissão das professoras pesquisadas foi um ato de insubordinação política e cultural para todas nós. Na busca de indícios e na imersão subjetiva destas professoras. Toda a pesquisa esteve baseada no protagonismo das colaboradoras com a ideia central do compartilhamento de saberes, discussão sobre experiências individuais e/ou coletivas, reflexões sobre temas, relatos de situações, articulações e estratégias pedagógicas de (re)existência no território político da experiência cotidiana docente refletindo sobre sentidos, memórias docentes de resistência política e coletivos de luta, com sensibilidade, afetividade, horizontalidade, cuidado e coprodução coletiva inspirada na pesquisa-ação sobre vida-formação, possibilitando a articulação de vozes heterogêneas e semelhantes.

Publicamos um livro resultante do Volume 7 da Coletânea do Grupo de Pesquisas Diverso: Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica (DIVERSO com o Título: “O que narram professoras ativistas negras”: narrativas de (re)existências pedagógicas a metodologia aplicada onde as professoras autoras-colaboradoras puderam escrever, ler, editar seus textos e sugerir edições aos textos das outras colegas de forma a contribuir com o grupo “erguendo a voz”, celebrando a vida, comemorando com alegria e solidariedade as histórias de cada uma compartilhada coletivamente.

Memórias, sonhos, percepções do racismo

Para compreender as epistemes pedagógicas das professoras negras ativistas e descobrir como se posicionam diante das opressões de raça, gênero e classe, entre outras, que tem lugar na escola vamos trazer excertos de seus textos narrativos e voltar o nosso olhar para compreender as práticas pedagógicas que habitam a educação básica alinhadas na luta, apresentado práxis, estratégias de intervenção e leitura de mundo interseccionado por opressões estruturais de raça, gênero,

desigualdades sociais e sexuais.

Mulheres negras professoras coletivamente são símbolos de resistência em suas comunidades e têm um papel fundamental de prover seu povo com alegria, bom humor, espírito descontraído, música, dança. Na narrativa da professora autora-colaboradora Maria Livia Ferreira dos Santos (Santos, 2023, v. 7, p. 116), podemos constatar essa realidade recorrente:

A vida do estudante trabalhador é orientada por uma realidade que envolve cansaço, acúmulo de matéria, falta de tempo para estudar, noites em claro, o sentimento de desesperança e inferiorização de nossas subjetividades. É sentir-se sempre aquém dos demais. Em minha vida adulta sempre precisei conciliar trabalho e estudo; não teve jeito! Trabalhar para me manter na universidade, mesmo sendo esta pública. Vestir, comer, arcar com os custos dos deslocamentos de ônibus, fazer as cópias, pagar as impressões eram custos com os quais precisava arcar. E foi assim, trabalhando e estudando com muitas dificuldades, que me tornei bacharel e licenciada em Geografia (UFBA), Pedagoga (FACIBA), Especialista em Educação, Gênero e Direitos Humanos (NEIM) e Psicopedagoga. Mestre e doutoranda em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia.

Narrar histórias e experiências é costume ancestral que tem a força da energia-vital de celebração da existência, retomada pelo poder da palavra, em interação social que conduz dinâmicas e estratégias potentes em diálogo com a vida, experiência educativa, processos interculturais, decoloniais próprios aos movimentos de mulheres negras, movimentos antirracistas, entre outros. Seu formato, enraizado em caminhos e teias, aponta para uma rede comunitária que remete à ancestralidade, à (re)existência, à insurgência, à autonomia, ao apoio mútuo, ao cuidado de si e da outra, à diversidade e ao reconhecimento. Cantar e contar histórias é a forma mais antiga de existir, entender, ser e andar, comum ao feminismo negro decolonial e busca o bem- viver e a coletividade como sentido maior da vida, como grande desafio e o verdadeiro sabor da luta.

Outra autora-colaboradora da pesquisa Jucy Silva (2023, v. 7, p. 75) escreve em seu texto de professora negra, mulher que trabalha duro, ainda que seja objeto de desigualdades, injustiças e sofrimentos, não deixa de sonhar, sambar, comemorar e celebrar a vida.

Com minhas tias aprendi a força da fé, a devoção a Santo Antônio, São Lázaro e Santa Bárbara, a participar das festas de largo, a caminhar na lavagem do Bonfim. [...] Eram adeptas da fé na umbanda, que mistura a ancestralidade africana com a fé católica. [...] devemos cuidar da nossa saúde física e espiritual independente da religião e que

é importante se conectar com sua fé, seja uma oração, uma reza ou uma vela acesa com fé. Eu acredito que esta conexão nos fortalece para buscar sonhos. O racismo destrói sonhos de crianças e jovens e eu, dentro da minha prática, levo um pouco das minhas experiências.

Jucy Silva (2023) relata suas aprendizagens nos terreiros de candomblé, umbanda, batuques, frevos, nas periferias da cidade, nas rodas de samba, o que antes era chamado de “coisa de negro” ainda hoje carrega uma perseguição na tentativa de controlar manifestações populares e o povo negro. O candomblé continua criminalizado e a perseguição contra seus rituais é intensa pelos adeptos de religiões pentecostais radicais por ignorância, racismo religioso. São filhos e filhas de santo, integrantes dos blocos, escolas de samba, que souberam se aquilombar e enfrentar a situação fazendo de seus terreiros religiosos ou do samba e afoxé verdadeiros símbolos de resistência cultural.

Em cada linha escrita, em cada palavra, todo conhecimento ancestral reporta a uma trama de relações repassadas tanto pela oralidade como pela escrita. Registrar as histórias dessas professoras abre possibilidades para que outras pessoas, mesmo as que não transitam na academia, na educação ou no ativismo, possam conhecer, identificar-se e compreender, através da oralidade e das escrevivências, os significados e a cultura do povo negro. As narrativas de (re)existência de Jucy relatam histórias de mulheres negras inseridas em religiões de matriz africana e movimentos sociais que compartilham experiências comuns de interação social, reflexões, modos de ser e existir que criam, recriam, alimentam esperanças, curam existências num aprendizado cotidiano.

Nas interpretações e comentários, os textos construídos com a participação de todas, as tramas pessoais e comuns das experiências relatadas no grupo trouxeram histórias de vida e memórias de infância, refletiram sobre o fazer pedagógico, a identidade profissional, as relações raciais, de gênero, sociais, as questões do poder político etc. As experiências compartilhadas em versões do texto escrito vincularam-se à interpretação de mundo do feminismo negro e das pedagogias antirracistas nas narrativas pedagógicas que resultaram em importantes relatos da prática e da formação docente de forma profunda. Assim, na narrativa da professora-narradora Maria Lívia Ferreira dos Santos (2023, v. 7, p. 116), ela afirma que:

Como mulher negra, nascida na periferia de Salvador, tive na educação a oportunidade de ocupar espaços e entender a importância do conhecimento para a transformação de realidades e emancipação de todo um povo. Sou filha e irmã mais nova de professoras, o que me faz valorizar ainda mais a figura mobilizadora que as mulheres exercem na construção da sociedade e de redes de coletividades.

São tantos os movimentos que precisamos fazer para mover estruturas, que certamente não caberiam nessas páginas. Estudar em um país como o nosso, cursar uma graduação ainda é um privilégio relegado a poucos. E quando pensamos em espaços como a pós-graduação, o serviço público, os espaços de decisão política e econômica, torna-se ainda mais caro e significativo adentrá-los como mulher negra. Certamente, muitas aqui são as primeiras da família a adentrar em espaços privilegiados da classe média branca, são as primeiras da rua, das salas de aulas e possivelmente as primeiras que fazem ecoar impressões, narrativas, projeções, sonhos e caminhos possíveis em textos narrativos.

A narrativa de Carla Caroline S. de Santana (2023, v. 7, p. 62) reflete sobre recordações da infância:

Na rua onde passei a minha infância e adolescência havia algumas mães de colegas que eram professoras, então, nós conseguíamos brincar de escolinha, pois sempre havia papel, livros, quem seria a professora, quem seriam os alunos, o que iríamos ensinar e em cada discurso era fácil perceber o espelho das ações dos nossos professores nas nossas interpretações nas brincadeiras, a imitação dos nossos coleguinhas de escola e até das professoras que sonhávamos ser, que era bem semelhante àquela novelinha infantil onde a professora encantava com sua prática acolhedora e carinhosa, entretanto, não se parecia em nada com as professoras de diversas realidades como a minha. Como a ausência de representatividade negra nas telinhas teve um significado nas nossas histórias pessoais que nos levaram até à falta de autoestima! Até mesmo acreditar que podemos exercer a docência de forma afetiva e que essa afetividade tenha um impacto nos resultados pessoais e sociais. [...] Infelizmente, mesmo com tanta informação e formação não é estranho a invisibilização e a recorrência de práticas racistas no ambiente escolar, no ambiente educacional. Mas o que seria preciso? Será que não há ferramentas suficientes que sejam capazes de descolonizar esse currículo que é afetado diretamente por toda a dinâmica social?

A narrativa da professora Carla Caroline versa sobre se sentir representada na infância diante das telas e sobre como a invisibilidade de determinadas personagens negras nos enredos de novela, no cinema, e em outras mídias sociais, sobre a não presença de forma positiva ou empoderada de personagens negras. Geralmente as representações são em um contexto de criminalização, pobreza, em papéis inferiores e subalternos. Vivemos em um país estruturado pelo racismo em uma sociedade que carrega uma herança de segregação e uma história de escravização. Sobre a falta de representatividade movimentos negros e movimentos de mulheres negras apontam para a

necessidade de desconstrução desta representação social inferiorizada, o feminismo negro fortalece e mobiliza em diversos espaços de debate a importância da pauta da representatividade.

Ativistas e intelectuais adotaram como terminologia para mulheres negras que estão na academia o termo intelectual ativista negra, Lélia Gonzalez (1983) foi uma intelectual ativista precursora do Movimento de Mulheres Negras, que escancarou a visão eurocentrista do feminismo brasileiro hegemônico, pois este não considerava a centralidade da questão racial nas hierarquias de gênero e com isso naturalizava uma narrativa única para o conjunto das mulheres, de forma enviesada e colonizada, sem levar em consideração os processos de dominação, violência e exploração inerentes às relações raciais da branquitude. A falta de apoio do feminismo branco ocidental, que não considerou a desigualdade resultante dos marcadores de raça, gênero, classe, sexualidades etc., desde então precipitou a organização do Movimento de Mulheres Negras. Lelia passou a questionar politicamente a universalização das pautas do feminismo hegemônico.

Maria Livia Ferreira dos Santos (2023, v. 7, p. 115) em sua narrativa, conta-nos de suas origens, lembranças, histórias e reminiscências:

Sou neta de uma trabalhadora de ganho, preta, não alfabetizada, que a partir do exercício de lavar as roupas de uma pseudoburguesia da época, sustentou sete filhas mulheres e um homem (o caçula), depois de abandonada por meu avô. Minha avó era uma mulher humilde, marcada por uma vida de pobreza e muito trabalho braçal. Oriunda da zona rural do município de Esplanada – BA, com luta criou minhas tias e tio, com o auxílio de minha mãe, a filha mais velha. Foi lavando roupa, cuidando das irmãs mais novas e dando aulas às crianças da própria comunidade que minha mãe estudou inicialmente na Escola Parque e formou-se como professora primária, concluindo o curso de Magistério no ICEIA.

Desde tempos remotos, mulheres negras amorosamente geram o sustento financeiro de suas famílias e perpetuam valores culturais e afetivos relacionados à identidade negra. Elas guardam como tesouros a memória ancestral de seus antepassados e a repassam como oferendas à sua descendência, através da oralidade. Certamente, esse é o caso da família de Maria Livia Ferreira dos Santos, seu relato nos apresenta um retrato de avó, mãe e matriarcas negras que remete a uma memória afetiva, vigorosa e resistente ao articular autocuidado, autorrespeito e promoção de saberes significativos para sua descendência cujo processo de aglutinação é a essência do quilombo como nos indica

Beatriz Nascimento (2018). O histórico e os atravessamentos familiares de Maria Livia Ferreira revelam a luta cotidiana pela vida e sustento em todas as esferas do cuidado, sociabilidade, afeto e no entendimento da comunidade como verdadeiro quilombo, este universo tão simbólico do povo negro tem “caráter libertário e é considerado um impulsionador ideológico na tentativa de afirmação racial e cultural do grupo”. (Nascimento, 2018, p. 211). As epistemologias e metodologias feministas negras decoloniais dão respostas em um mundo atravessado por hierarquias de raça, gênero, classe social, território e outros mecanismos de opressão. Trazem à tona protagonismo, resistência e experiência de vozes abafadas durante anos pelo discurso oficial da negação do racismo aliado a outras hierarquias representadas pelo poder colonial.

A meficana Lélia Gonzalez (1988), grande articuladora do diálogo com a militância do Movimento Negro na academia e nos movimentos de mulheres negras, denunciou a fragilidade social da mulher negra na sociedade brasileira, construída sobre a narrativa da “democracia racial”, expondo o lugar reservado a essas mulheres como empregada doméstica ou como mulata sensação, hipersexualizada nos festejos de Carnaval. Gonzalez levanta aspectos importantes sobre a situação das mulheres negras no país, critica a estigmatização de sua identidade analisando a forma como raça, categoria estruturante da colonização e do modo de produção escravista, não ganhou centralidade no debate sobre miscigenação e violência sexual decorrente de anos de escravização e opressão relacionadas historicamente às mulheres negras tanto pela esquerda que reproduziu injustiça racial, como pelo feminismo branco que não reconheceu as lutas que atravessam as experiências das mulheres negras e mesmo pelo Movimento Negro que reproduziu a opressão sexual e não debateu pautas relativas às mulheres negras.

A perspectiva da escrita interseccionada por diferentes experiências do viver e do fazer educativo, aponta para histórias vivas escritas, (re)escritas e carregadas de sentidos, representações e significados das experiências pedagógicas que partem das *escrivências* de um “eu” coletivo em um ato de insubordinação epistêmica em direção a encontros, reconhecimentos, superações, atravessamentos históricos que evocam, por meio da própria narrativa e voz, a história de um “nós” compartilhado coletivamente (Soares & Machado, 2017). Minha história, como diz Carneiro (2005, p. 20), é uma “consciência que se renova permanentemente pela memória d’alma da escravidão herdada de minha ancestralidade e, antes dela, das representações negativas que estiveram desde longe associadas ao meu corpo negro”.

As narrativas pedagógicas de (re)existências adquirem um sentido de insubordinação, um sentido político, de compromisso com a luta coletiva para além da experiência pessoal, são vozes que falam simultaneamente por si e pelas outras que compartilham da mesma experiência de resistência e luta contra a opressão utilizando como eixo central e instrumento de análise a interseccionalidade. Enquanto a justiça social não for alcançada, sempre haverá a necessidade de considerar um processo social pelo prisma da interseccionalidade, pois ela não é um modismo acadêmico, ela fala para o nosso tempo, tempo das mulheres negras, quilombolas, indígenas e subalternizadas, ela é uma ferramenta capaz de gerar resistência e estratégias de mudança social

Considerações finais

As narrativas pedagógicas trazidas neste texto valorizaram o meio ambiente natural, as relações humanas, os padrões econômicos da coletividade-comunidade, os saberes protagonizados por modelos decoloniais com experiências de sementeira e cultivo da vida e do esperar. O caminho trilhado em aproximação política às epistemologias e às metodologias feministas negras decoloniais serviram de lastro epistêmico-metodológico aos diálogos teóricos, à práxis e ao ativismo político de base dos movimentos de mulheres negras.

Os textos resultantes das narrativas dessas professoras contam de reflexões, análises e importantes contribuições para o debate e formulação de estratégias de conhecimento político sobre organização coletiva, formação pedagógica e ação refletida nas histórias de vida- profissão no campo de conhecimento sobre raça, gênero, território, cultura, classe, desigualdade social entre outros marcadores que interseccionam subjetividade negra e relações de poder no espaço político da escola e da sociedade.

Foi possível vislumbrar trilhas insurgentes, de resistência e insubordinação incentivados por histórias em caminhos contrários àqueles que querem nos controlar. Esses caminhos foram percorridos por metodologias, epistemologias e práticas políticas e pedagógicas de (re)existências como escolha ética, estética da cosmovisão ancestral dos movimentos de mulheres negras, movimentos antirracistas, antissexistas etc. No percorrer desses caminhos, recorreremos às lentes do feminismo negro decolonial e à sua gramática para compreender o universo político, econômico,

artístico e social refletindo sobre como as histórias de vidas das professoras autoras-colaboradoras da pesquisa são importantes e urgentes para promover uma virada decolonial no contexto da educação.

A produção das narrativas pedagógicas de (re)existências percorreu diversas etapas, entre elas, a escrita, (re)escrita, edição, (re)edição, validação e publicização das narrativas em um processo horizontal, coformativo resultando em um livro e *e-book* cuja produção caracteriza-se em política de conhecimento coletiva no objetivo de combater a invisibilidade histórica do grupo de professoras negras. Os textos apresentados por elas e discutidos coletivamente reforçaram a importância do trabalho docente associado em grupos e redes de colaboração articulado à decolonialidade na proposição, afirmação e reconhecimento de direitos, resistência política, diálogos, ações coletivas de valorização da história cultural das mulheres negras e luta por emancipação social, sob a perspectiva ancestral africana Ubuntu, que afirma: eu sou porque nós somos.

As epistemes metodológicas e pedagógicas relatadas tonaram as narrativas, territórios de (re)existências compartilhadas e discutidas coletivamente no dia a dia da escola. A experiência de atuar no espaço fronteiro entre docência, investigação e ativismo, pelo viés da transformação social, da emancipação política, do enfrentamento à ordem hegemônica, promoveu a percepção da desconstrução hierárquica de poder, saber, ser e essa experiência possibilitou difusão e atuação nas brechas do poder colonial através de projetos de transformação do regime racista, sexista, cis-heteronormativo, classista praticado pela colonialidade.

A interseccionalidade, importante ferramenta incorporada para instrumentalizar senso ético/estético/político de análise epistêmica e metodológica sobre as experiências de vida-profissão apresentadas nas narrativas pedagógicas de (re)existência das nove professoras foi importante para que elas pudessem conhecer, interagir, valorizar suas práticas pedagógicas reconhecendo-as como decoloniais. Neste processo suas narrativas foram divulgadas, discutidas e fortalecidas na construção da identidade étnico-racial, equidade de gênero, justiça social etc. As práticas pedagógicas narradas ajudaram a revelar as fraturas e brechas aparentes dos muros da colonialidade, de dentro de sua estrutura, de forma interseccional, ao ensinar, aprender, pensar e atuar nas comunidades através de pedagogias antirracistas e feministas negras decoloniais na construção coletiva em uma dinâmica de

vida-ação-política de combate as opressões coloniais.

Da pesquisa frutificaram experiências de mulheres negras insurgentes e empoderadas, com histórias de vida, invenções de si, modos de revelar, compreender e interpretar o mundo nos cuidados consigo e com outras, histórias capazes de abrir brechas e causar fraturas na educação colonizada, suas narrativas pedagógicas de (re)existências evocaram “aventuras e desventuras” de quem conhece a dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra como nos diz Conceição Evaristo (2005, p. 205). Estas narrativas abrigaram a insurgência como “experiência vital de todas as mulheres” racializadas, realizadas a partir da produção de conhecimentos intelectuais, técnicos, políticos, pessoais e pedagógicos possibilitando incorporar experiências potentes de (re)invenção de si a serem comunicadas ao público através da escrita, leitura, publicização.

Referências

- Carneiro, A. S. A. (2005). *Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, Recuperado de: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 5 maio 2020.
- Evaristo, C. (2007). Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: alexandre, M. A. (org.). *Representações performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza. 16- 21.
- Evaristo, Conceição. (2005). Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: moreira, Nadilza Martins de Barros; schneider, Liane. (Orgs.) *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia Editora Ltda, 201-212.
- FRANCO, S. A. Xirê. 2007– *Proposta para Inclusão da Criança Negra na Educação Infantil: o saber nas festas do Terreiro do Cobre*. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador.
- Freire, Paulo. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gonzalez, Lélia. (1988, jan./jun). "A categoria político-cultural de amefricanidade". *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, 69-82,.
- Hooks, bell. (2013) *Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes.
- Oliveira, I. B. de; Geraldí, J. W. (2010). Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão. In: OLIVEIRA, I. B. de (org.). *Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão*. Petrópolis: Ed. Dp et alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 71-78.
- Rios, J. A.V.P. (2021). Profissão docente no ensino fundamental em tempos de pandemia: narrativas em disputa in *Profissão docente em questão!*, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios (organizadora). Salvador: Edufba, 480 p.
- Santana, C. C. S. de. Resistir é uma arte. (2023). In: LEÔNICIO NUÑEZ, J. M.; RIOS, J. A. V. P. (org.). *O que narram professoras ativistas negras: narrativas de (re)existências pedagógicas*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 47-57. (Coleção Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, v. 7).
- Santos, M. L. F. dos. (2023). Memórias de uma travessia: Educação e negritude como instrumentos de emancipação. In: LEÔNICIO NUÑEZ, J. M.; RIOS, J. A. V. P. (org.). *O que narram professoras ativistas negras: narrativas de (re)existências pedagógicas*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 115-128. (Coleção Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, v. 7).
- Silva, J. (2023). Encontros e caminhos pedagógicos e afetivos. In: Leôncio Nuñez, J. M.; Rios, J. A. V. P. (org.). *O que narram professoras ativistas negras: narrativas de (re)existências pedagógicas*. São Carlos: Pedro & João

XIII Seminario Internacional de la RED ESTRADO

Dos décadas de estudios sobre el trabajo docente: existir, resistir y construir nuevos horizontes

Editores, 2023. p. 75-86. (Coleção Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, v. 7).

Soares, Lissandra Vieira. Machado, Paula Sandrine. (2017, Mai/ago). “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em *Psicologia Social. Psicologia Política*. vol. 17. nº 39. pp. 203-219. São Paulo. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso
Acesso em janeiro de 2021.

Walsh, Catherine (2013). Lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos. In: WALSH, Catherine (Org.) *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Quito: Abya Yala. 23-68.